

"O velho é o dono da história,
o índio é o dono da aldeia
e a criança é a dona do mundo."

Orlando Villas-Bôas, sertanista brasileiro
Bundas, nº 36, fevereiro de 2000

Em recente artigo na revista *Época*, Eduardo Bueno fala sobre dois assuntos, no seu entender, intimamente vinculados. Menciona primeiramente as lutas entre diversos povos indígenas brasileiros, no decorrer de nossos 30 mil anos de história pré-colombiana. Desse período datam alguns dos mais antigos vestígios arqueológicos de ação humana em território brasileiro, destacando-se os "homens dos sambaquis", povo nômade que ocupou o litoral tupiniquim, vivendo em habitações construídas sobre montes de conchas, os "sambaquis".

O avanço da etnia jê sobre os "homens dos sambaquis", numa luta pela posse do litoral brasileiro, rico em recursos alimentares, há 10 mil anos atrás, foi o primeiro grande conflito mencionado. Vitoriosos, os jês, cerca de 8 mil anos depois, foram assediados e por fim derrotados pelos índios tupis, oriundos da Amazônia. Mais mil anos depois, prossegue Eduardo Bueno em sua narrativa linear, chegam do oceano os portugueses, e "repetem" a história antes protagonizada por nossos indígenas! História de guerras e conquistas. Justifica tal repetição histórica afirmando que há povos mais desenvolvidos que outros.

Após esse primeiro passo, amplamente questionável sob uma série de aspectos, o colunista de *Época* afirma que tal semelhança de acontecimentos históricos justifica a comemoração dos 500 anos do "descobrimento" do Brasil, visto que vivemos (e, pelo jeito que é sugerido, viveremos) de conquistas e extermínios. Que tal sina de destruição não foi inaugurada pelos portugueses. E que as críticas à comemoração não passam de preconceito "politicamente correto".

O que tem a ver os conflitos entre indígenas brasileiros e as solenidades relativas aos 500 anos de início da conquista do nosso território pelos europeus? Apesar dos argumentos de Eduardo Bueno, nada, ou quase nada.

Inicialmente, salta aos olhos como estapafúrdia a comparação entre guerras intertribais protagonizadas por indígenas brasileiros e o genocídio em escala comercial promovido contra os mesmos pelos portugueses. As lutas entre os índios nunca lograram sequer aproximar-se do grau de mortandade verificado durante os encontros com os colonizadores.

A relação dos indígenas com outros povos silvícolas e com a natureza passava pela questão da sobrevivência, por um uso antes ritualizado do que indiscriminado da violência e por uma capacidade limitada de transformação do meio ambiente, o que lhes garantia a possibilidade de migrar para outros locais onde pudessem usufruir não predatoriamente dos ecossistemas, durante milhares de anos.

Como comparar esse longo processo histórico com a destruição promovida pelos europeus em nosso território, durante apenas 5 séculos, nos quais os povos indígenas foram reduzidos numericamente quase à insignificância e onde ecossistemas como a Mata Atlântica foram arrasados? Os colonizadores e muitos de seus descendentes promoveram uma cerrada guerra aos índios em nome do lucro, e não da sobrevivência. Utilizaram a violência combinando planejamento racional e requintes de sadismo, atacando-os não só com armas tradicionais, mas utilizando mesmo aviões, guerra bacteriológica e religiões.

Além dessa gritante diferença de escala, estranhamente "esquecida" por Eduardo Bueno, cabe-nos perguntar: será que temos mais contas a prestar com sociedades que viveram aqui há milhares de anos e quase desapareceram ou com uma sociedade capitalista inaugurada pelos portugueses em 1500 e de quem somos, mal ou bem, seus continuadores? É claro que está em jogo aqui uma visão crítica sobre o que homem branco fez, continua fazendo e, se depender de nós, pode ser evitado.

Dar às costas à consciência do que os europeus fizeram com os índios no Brasil, lembrando de conflitos intertribais de milhares de anos atrás, não é atitude que possa ser aceita, ainda mais para justificar que se comemore, sem nenhuma reflexão séria, os 500 anos de colonização. Mas é isto que Eduardo Bueno faz em seu artigo.

Cabe um parêntese aqui. Não estamos promovendo uma visão romântica do índio, nem sendo politicamente corretos. A violência sempre existiu nas sociedades indígenas, mas nunca foi uma violência realizada em escala industrial nem foi instrumento para promover a desigualdade social, como sempre tem ocorrido em nossa sociedade capitalista, cujo poder destrutivo até hoje é inigualado e ameaça a própria sobrevivência da humanidade.

O ataque de Eduardo Bueno ao "politicamente correto" não faz sentido. Ao contrário do colunista, não reconhecemos hierarquia entre as culturas. Uma sociedade não é superior à outra apenas por ter maior capacidade bélica ou produtiva. Acaso os povos "bárbaros" eram culturalmente superiores ao romanos? Eram os nazistas superiores aos judeus? Os aborígenes australianos, tão defasados tecnologicamente se comparados à sociedade ocidental, possuem as cosmologias mais complexas já estudadas pela antropologia.

No caso, não estamos preocupados com rótulos. Ser contra as comemorações dos 500 anos significa fazer uma chamada à consciência de todos que defendem uma sociedade brasileira mais justa, que carrega um pesado fardo de desigualdade inaugurado justamente em 1500.

Agora, se o colunista Eduardo Bueno acha que um programa de comemorações do nosso "descobrimento", organizado pelo Ministério do Turismo, capitaneado pelo Sr. Rafael Greca (aquele do escândalo dos bingos), é capaz de fazer com que todos os brasileiros "rememorem juntos" os 500 anos ... realmente, não podem ser levados a sério seu artigo e seus frágeis argumentos. Se devemos "coo-memorar", porque não está envolvido de frente o Ministério da Ciência e Tecnologia, de modo a dar um tom minimamente consistente e crítico à questão?

Deste modo, é difícil não encarar o artigo do colunista como mero repique da visão oficial relativa aos nossos 500 anos, algo realmente digno da imprensa "chapa-branca" tupiniquim, mais interessada em respaldar os festeiros e superficiais eventos que estão sendo patrocinados pelo desgoverno FHC-ACM-FMI do que em refletir sobre nossos desiguais caminhos passados e as possibilidades de futuro. Possibilidades que, com certeza, estão sendo exercitadas no dia-a-dia de lutas do povo brasileiro, através de seus movimentos sociais e de suas formas alternativas de comunicação e cultura.

*"Os que apóiam a discriminação contra os índios não aceitam a possibilidade de que venham a conhecer nossa tragédia.
Muitas correntes racistas querem fazer uma visão revisada da história, em que a desgraça dos índios não apareça.
Os revisionistas tentam, por todos os meios, minar nossa credibilidade."*

Rigoberta Menchú,
líder indígena guatemalteca,
Prêmio Nobel da Paz em 1992
Folha de São Paulo, 20.02.2000